

O bibliotecário educador como parte da reinvenção da Biblioteconomia no Brasil

El bibliotecario educador como parte de la reinvención de la biblioteconomía en Brasil

Jussara Borges¹ ORCID: 0000-0003-0157-8691

Luis Fernando Massoni² ORCID: 0000-0001-6402-1036

Paula Martini³ ORCID: 0000-0003-2484-7962

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, jussara.borges@ufrgs.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
luisfernandomassoni@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil,
paulamartini.bib@gmail.com.

Resumo

Apresenta uma discussão sobre os desafios informacionais atuais e o seu impacto na reformulação curricular do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Aborda os documentos que incidem diretamente na formação dos bibliotecários no Brasil, com o intuito de iluminar os conteúdos da grade curricular e a relevância da educação para a informação na formação do bibliotecário. Relata os conceitos e argumentos que embasaram inserção da disciplina “Competência em Informação” no currículo do curso de Biblioteconomia na UFRGS.

Palavras-chave: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO; CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA; UFRGS; ALTERAÇÃO CURRICULAR.

Resumen

Presenta una discusión sobre los actuales desafíos informacionales y su impacto en la reformulación curricular de la Carrera de Bibliotecología de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Aborda los documentos que afectan directamente la formación de bibliotecarios en Brasil, con el objetivo de iluminar

los contenidos del currículo y la pertinencia de la educación para la información en la formación bibliotecaria. Informa los conceptos y argumentos que sustentaron la inclusión de la asignatura “Alfabetización Informacional” en el currículo de la carrera de Biblioteconomía de la UFRGS

Palabras clave: ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL; PLAN DE ESTUDIOS DE LA CARRERA DE BIBLIOTECOLOGÍA; UFRGS; CAMBIO CURRICULAR

Abstract

It presents a discussion about the current informational challenges and their impact on the curricular reformulation of the Library Science Course at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). It addresses the documents that directly affect the training of librarians in Brazil, with the aim of illuminating the contents of the curriculum and the relevance of education for information in librarian training. It reports the concepts and arguments that supported the inclusion of the subject “Information literacy” in the curriculum of the Library Science course at UFRGS.

Keywords: INFORMATION LITERACY; LIBRARY CURRICULUM; UFRGS; CURRICULAR CHANGE

1 Introdução

Poucas profissões se mantêm por séculos, como ocorre com a do bibliotecário (ANGLADA, 2014). O pressuposto deste trabalho é de que isso se deve, principalmente, mas não só, à capacidade de reinvenção do profissional ao longo do tempo em resposta às mudanças do contexto informacional. Com isso, o bibliotecário se manteve necessário para oferecer soluções no campo da informação, de acordo com os desafios e as demandas de cada época.

Atualmente, contudo, as bibliotecas – e aqui, vamos nos centrar nas brasileiras – parecem viver uma crise: espaços vazios de seu público, escassez de recursos para atualizar os acervos, processos e serviços ultrapassados (ASCOLI; GALINDO, 2021). Os profissionais que têm nas bibliotecas seu principal espaço de atuação vão a reboque dessa crise: são desviados para funções distintas da sua formação, sentem-se desvalorizados ou estão tão sobrecarregados de atividades de

modo que não sobra tempo sequer para refletir sobre o que precisa ser alterado. Obviamente, estamos fazendo uma generalização, porque há muitos casos de bibliotecas bem-sucedidas e profissionais realizados.

Neste artigo, vamos partir do pressuposto anunciado no primeiro parágrafo para discutir a formação do bibliotecário em um aspecto específico, que é o bibliotecário como educador para a informação. Para uma noção inicial de trabalho, podemos definir educação para a informação como um conjunto de serviços que orientam suas ações para ensinar o público a buscar, selecionar, avaliar e produzir conteúdos.

Cabe questionar, contudo, se os estudantes de Biblioteconomia estão recebendo uma formação que os potencialize para promover a educação para a informação. Apesar de a formação do bibliotecário no século XX ter se dirigido ao estudo dos sistemas de informação – muitas vezes isolados da vida social e dos usuários -, a boa notícia é que essa formação vem, gradualmente, retomando seu aspecto humanístico, principalmente pela inclusão de disciplinas de “Competência em Informação” ou “Infoeducação” na formação do bibliotecário (MORAES, AYMONIN, REYES, 2021). A proposta, em geral, da competência em informação é justamente preparar o bibliotecário para educar para a informação e, a partir disso, ressignificar a biblioteca como um espaço de educação.

A partir desse contexto, nos últimos dois anos desenvolveram-se reflexões conceituais e metodológicas para inserir a disciplina “Competência em Informação” na grade curricular do curso de Biblioteconomia da Universidade do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre, RS/Brasil. Neste trabalho, vamos relatar esse percurso teórico e procedimental que levou à inclusão da disciplina “Competência em informação” como obrigatória no referido currículo.

2 Sobre como os bibliotecários se reinventaram ao longo dos séculos

Para tratar de reinvenção, vamos fazer um breve passeio pelo passado. Como dizia Heródoto, considerado o pai da História, se eu quero projetar o futuro, preciso conhecer o passado. Então, como os nossos ancestrais bibliotecários se perpetuaram? Essa é a questão que orienta a discussão desta seção do artigo.

Na Antiguidade, a grande questão com relação à informação e ao conhecimento era a preservação. Com os primeiros registros guardados em suportes tão frágeis como os tabletes de argila, o papiro e o pergaminho, a motivação desses primeiros bibliotecários não podia ser outro senão a de proteger, de preservar os poucos registros do conhecimento disponíveis (MARTINS, 1996).

Na Idade Média, sobrevieram as bibliotecas monacais, cujo objetivo era o segredo, a guarda. Sob os nossos olhos contemporâneos, o bibliotecário medieval é um censor. Mas não fosse o trabalho desses bibliotecários, os registros da Antiguidade não teriam atravessado o longo período medieval e, depois, influenciado o Iluminismo. No período, surgiram também as primeiras bibliotecas universitárias e, em seguida, os bibliotecários começaram a sonhar com bibliotecas compreensivas, que comportassem tudo de um determinado assunto (BARBIER, 2018). Hoje, pode nos parecer utópico, mas ao mesmo tempo, é destacável como se sentiam empoderados esses bibliotecários ao pretender reunir todo o conhecimento do mundo!

Dando um salto no tempo, chegamos aos bibliotecários do século XX. Estes parecem ter sido os mais bem-sucedidos até então: de um lado, eles conseguiram olhar para fora e além das bibliotecas a fim de identificar um grande problema informacional, que era a explosão documental do pós-guerra. De outro, eles viram a emergência de sistemas e tecnologias que poderiam utilizar para tratar toda essa massa documental e recuperar a informação registrada. Não é à toa que nesse século emergiram as grandes associações profissionais, os conselhos de classe e os cursos de nível superior em Biblioteconomia no Brasil. É um período de ouro para a Biblioteconomia e seus profissionais.

O que todos esses bibliotecários têm em comum? Eles se reinventaram. Os modernos deixaram de acorrentar os livros como faziam os medievais, porque a guarda e o segredo já não eram a questão; assim como os contemporâneos abriram mão da posse de coleções compreensivas em nome do acesso à informação. E então nós chegamos ao século XXI, mas muitas vezes estamos atados às mesmas práticas do século XX. Talvez o sucesso dos nossos colegas do século passado ainda esteja ofuscando nossa visão.

Usemos um exemplo coloquial para tratar da busca de informação cotidiana. Se eu ouço uma nova expressão e quero saber do que se trata, onde procuro? No catálogo da biblioteca? A quase totalidade das pessoas utiliza um motor de busca

através de um dispositivo móvel. É verdade que esses motores têm uma série de limitações: não servem para informação especializada, usam algoritmos que nos deixam em uma bolha informacional, trazem muita informação irrelevante etc. Mas é o que as pessoas estão utilizando, por uma série de razões, entre elas a facilidade de acesso e respostas rápidas. Atualmente, as pessoas são muito mais autônomas para buscar a informação por seus próprios meios, prescindindo das bibliotecas para satisfazer suas necessidades informacionais (ANGLADA, 2014).

Com isso, de forma alguma queremos dizer que os sistemas e técnicas de tratamento da informação que bibliotecários desenvolveram e utilizam são irrelevantes. Elas são e serão indispensáveis em vários contextos, dentre eles o de informação especializada. Contudo, como dizem Ascoli e Galindo (2021, p. 16):

A Biblioteconomia na quarta revolução precisa de profissionais menos preocupados com rígidos sistemas de classificação e mais capacitados para desempenhar dinâmicas funções gerenciais, adotar posturas criativas, inovadoras e proativas, tendo como foco as necessidades de uma sociedade em constante transformação.

Outros pesquisadores, a exemplo de Jesus e Cunha (2019), também se dedicaram a pensar o futuro das bibliotecas e da Biblioteconomia. Esses autores identificaram uma série de tendências, dentre as quais as bibliotecas como *makerspaces* e bibliotecários incorporados em grupos especializados, como os de pesquisa. Em todas as tendências observa-se uma reaproximação com o aspecto humano da área: observa-se a “[...] evolução das bibliotecas em se tornarem espaços de encontro, nos quais os usuários possam realizar uma variedade de atividades, incluindo espaços áreas de criação até atuações de inclusão no mercado de trabalho” (JESUS; CUNHA, 2019, p. 319).

Assim, nosso convite neste artigo é fazer o mesmo que os bibliotecários do século XX: olhar para fora e além das bibliotecas. Qual é o nosso grande problema quanto à informação nesta terceira década do século XXI? Não é mais a questão da recuperação da informação ou mesmo do acesso, como no final do século XX. Tampouco pensamos que haja “um” problema de informação, mas certamente um dos principais é a desinformação.

Desinformação engloba, mas não se restringe à informação falsa, fora de contexto, tendenciosa, desatualizada (HELLER, JACOBI, BORGES, 2020). A desinformação é agravada por outro fenômeno contemporâneo, que é o da pós-verdade – esse desdém pela veracidade, desde que esteja de acordo com minhas

crenças e ideologias. Pessoas estão morrendo por causa de informações falsas, políticos inconcebíveis estão sendo eleitos com base em desinformação. Não são questões simples de se resolver, mas são problemas de informação e, portanto, são de nossa responsabilidade.

Outros profissionais que também trabalham com a informação estão atuando nesta seara: jornalistas desenvolveram e alimentam ferramentas de checagem da informação; analistas de sistemas vêm desenvolvendo sistemas de identificação e bloqueio de tráfego de informações falsas; juristas se empenham em legislação que responsabilize e coíba a disseminação de desinformação; para citar poucos exemplos. Tudo isso é importante, mas tem se mostrado insuficiente; em parte, porque o problema não está na informação, nos sistemas ou nas leis; a questão está nas pessoas que consomem e disseminam informações. Aí reside uma oportunidade e uma responsabilidade para o bibliotecário: educar as pessoas para lidar com a informação na contemporaneidade.

Talvez o que estejamos propondo possa soar como uma mudança paradigmática para a profissão, porque tradicionalmente nós fomos formados para lidar com o documento, o conteúdo, a informação. Disciplinas como Serviço de Referência e Psicologia – dirigidas a lidar com gente – ainda são minoria nos currículos de Biblioteconomia se comparadas às disciplinas técnicas. Contudo, as pessoas como parte da definição do que é uma biblioteca estão presentes desde o século XIX:

Justus Lipsius (1547- 1606), por exemplo, definiu a biblioteca sob três acepções: *locum* (espaço); *armarium* (guarda, armazenamento) e *libros* (acervo), complementado mais tarde pelas ideias de Leopold Auguste Constantin Hesse (1779-1844), que incluiu uma quarta acepção: as pessoas. Logo, a biblioteca como espaço de convivência, socialização e mediação também está fortemente presente nesta definição (WEITZEL; SANTOS, 2018, p. 61–62).

Portanto, examinando nosso passado, podemos ver que as bibliotecas têm demonstrado capacidade de se reinventar. Anglada (2014) destaca como aspectos-chave desta reinvenção a atuação dos bibliotecários no acesso aberto e na alfabetização informacional. Para o autor, a própria sustentabilidade das bibliotecas somente será possível se pudermos “estabelecer um novo estereótipo de ‘biblioteca’ na mente das pessoas, um que não se baseie na fisicalidade dos edifícios ou dos livros e sim na função de dar suporte e ajudar no difícil processo de usar a

informação e transformá-la em conhecimento.”¹ (ANGLADA, 2014, p. 609, tradução nossa).

Na mesma linha e seguindo um percurso histórico-social semelhante ao que fizemos na seção anterior, Perrotti (2016) observou que as primeiras bibliotecas poderiam ser caracterizadas como biblioteca *templum*, ou seja, eram espaços de contemplação do saber, para eruditos; em seguida elas deram lugar às bibliotecas *emporium* e como tal, são lugares em que as pessoas se servem do saber, são usuárias, consumidoras de informação. E então, ele advoga pela necessidade de bibliotecas *forum*: nestas, as pessoas se encontram para compartilhar e construir conhecimento em colaboração; elas não são somente usuárias, mas produtoras e sujeitos informacionais:

[...] além de preparar condições e promover diálogos por sua configuração espacial, documentária, seus equipamentos e recursos informacionais ‘a biblioteca fórum’ realiza ações educativas sistemáticas, envolvendo a apropriação de saberes e metassaberes informacionais, observadas demandas particulares dos diferentes públicos que a frequentam (PERROTTI, 2016, p. 22, grifo nosso).

Observa-se que a compreensão da biblioteca fórum defende a dimensão formativa da informação. Toda vez que se oferece uma formação para que os sujeitos melhores se relacionem com a informação, incide-se na educação para a informação. Portanto, além de diversos formatos, pode-se falar em vários níveis e dimensões de formação. Por exemplo, um serviço de referência que ensine um jovem a melhor aproveitar os recursos de uma enciclopédia eletrônica, pode ser tão útil quanto um programa completo de competência em informação. Contudo, se as bibliotecas querem avançar de uma dimensão instrumental (como ocorre com a instrução bibliográfica) para uma dimensão educadora, precisamos discutir que educação é essa.

Neste artigo, a perspectiva de educação segue a pedagogia crítica de Freire (2003), a partir da qual o estudante aprende não apenas a usar os recursos informacionais, mas a se apropriar criticamente da informação, escolhendo os caminhos e não apenas os percorrendo com eficiência.

¹ Tradução livre de: “[...] establish a new stereotype of ‘library’ in peoples’ minds, one that is not based on the physicality of the buildings and books, but on the role of support and assistance in the difficult process of using information and transforming it into knowledge”

A partir deste contexto teórico-conceitual, percebemos a necessidade de refletir sobre a informação e sua apropriação a partir de um âmbito que vai muito além das paredes das bibliotecas tradicionais e de seus serviços convencionais. A biblioteca precisa desempenhar um papel como educadora, sendo necessário, para tanto, a formação de bibliotecários comprometidos com a educação para a informação, ou seja, bibliotecários educadores. Tendo isso em vista, a partir de 2020, o curso de Biblioteconomia da UFRGS começou a dialogar para inserir a temática na sua grade curricular obrigatória, conforme exposto na seção a seguir.

3 “Competência em Informação” na formação do bibliotecário formado pela UFRGS

Nesta sessão, abordamos as reflexões que norteiam a formação dos bibliotecários no Curso de Biblioteconomia da UFRGS. Discute-se o perfil de formação a partir destes documentos, bem como uma reflexão acerca da sua formulação. Traz também precedentes para a inserção da competência em informação no currículo. Por fim, apresenta uma síntese das reflexões sobre estes assuntos.

O curso de Biblioteconomia da UFRGS consolida disposições para a formação dos bibliotecários nos documentos oficiais desde o Projeto Político Pedagógico (PPP). Sabendo que o PPP precede a formulação do currículo, salienta-se que ele preconiza especificações, habilidades e competências em um panorama geral, mas consideradas indispensáveis aos estudantes. Em sequência, o currículo disponibiliza os conhecimentos teóricos e técnicos que podem ir de fundamentais a extrínsecos. A grade curricular, pode-se dizer que vem a ser uma metodologia de formação que auxilia aos estudantes saber quais são os requisitos mínimos para a sua formação, quanto tempo têm para integralizar os conteúdos disponíveis nos currículos para obtenção do título etc. Nesse sentido é que o PPP e a grade curricular direcionam a formação dos bibliotecários.

O PPP do Curso de Biblioteconomia da UFRGS divide-se em habilidades e competências gerais e específicas (UFRGS, 2012). Destaca-se aqui as habilidades e competências dos bibliotecários para lidar com a informação e com os processos informacionais, o que abre precedente para pensar e agir em defesa de disciplinas

como Competência em Informação, por exemplo, discutida mais adiante. Por outro lado, Severo (2019) ressalta a propensão de um perfil tecnicista com competências e habilidades sociais, mas estes últimos trabalhados em menor proporção já no PPP.

Na mesma direção, em sua análise sobre os currículos da UFRGS de 2018 e 2019 (período posterior a uma reforma curricular ocorrida em 2017), Severo (2019) constatou que o curso condiciona um perfil voltado às perspectivas técnicas, em detrimento de abordagens sociais. Esta constatação vai concordar com o estudo sobre as teorias do currículo de Silva (1999), segundo o qual há quatro teorias: tradicional, tecnicista, crítica e pós-estruturalista. O autor demonstra que a educação instrumentalizada, utilitária e econômica é enfática nas abordagens tradicional e tecnicista. Esta perspectiva vai ao encontro do curso de biblioteconomia da UFRGS na data da pesquisa.

O curso de Biblioteconomia da UFRGS tem sua grade curricular constituída por quatro eixos (ver Quadro 1).

Quadro 1: Eixos da formação dos bibliotecários

Eixo		Conteúdos
1º Eixo	Fundamentos das Ciências da Informação	Conteúdos básicos necessários à compreensão das teorias e métodos que regem a Ciência da Informação. Conhecimentos indispensáveis para o entendimento dos fenômenos sociais e das técnicas envolvidas no processo de transferência da informação.
2º Eixo	Organização e tratamento da Informação	Aspectos necessários que refletem o controle, a representação da informação focados na recuperação da mesma.
3º Eixo	Recursos e Serviços de Informação	Recursos e serviços que proporcionam um conhecimento acerca das ferramentas imprescindíveis no cumprimento das demandas informacionais advindas dos usuários. Preocupa-se em estreitar a relação usuário – bibliotecário.
4º Eixo	Gestão de Sistemas de Informação	Conhecimentos que se inclinam às competências gerenciais do bibliotecário com a finalidade de administrar os ambientes e serviços de informação.

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Estes eixos são oriundos das transformações curriculares que ocorreram em meados dos anos 2000. Conforme Bonotto e Santos (2000), foram seguidas as

recomendações propostas no II Encontro de Dirigentes dos Cursos Superiores de Biblioteconomia dos Países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) realizado na Argentina em 1997. A partir desse encontro, constituiu-se “um marco teórico que norteia a organização das diretrizes curriculares dos países que compõem o bloco” (BONOTTO; SANTOS, 2000, p.7).

A grade curricular dispõe de disciplinas obrigatórias (comuns a todos) e eletivas (optativas). Quanto às eletivas, estas são vistas como oportunidade para que os estudantes possam moldar seu perfil. Assim, o currículo do curso não é um documento engessado, pois concede possibilidades para que os estudantes reflitam criticamente sobre a sua formação, quais conhecimentos pretendem potencializar e qual perfil almejam formar, escolhendo estrategicamente entre as disciplinas eletivas.

É importante considerar que estes documentos institucionais são elaborados pelos representantes da instituição a qual pertencem, seja no cargo de docentes, gestores ou coordenadores. Para Severo (2019), estes documentos refletem os conhecimentos, bem como o perfil dos professores que compõem o corpo docente, pois são eles os responsáveis pela formação dos conteúdos programáticos das disciplinas dispostas nos currículos. Ademais, também podem ser identificadas as memórias institucionais destes docentes na grade curricular (MARTINI; MORIGI, no prelo).

Entretanto, as disposições das disciplinas, sejam elas obrigatórias ou eletivas, aderem os conhecimentos no seu tempo. Ou seja, no período histórico e geográfico em que ocorrem. Logo, todos os conhecimentos, atribuições ou direcionamentos contemplam características dos contextos próprios e desafios que, por sua vez, movem as reformas curriculares, as necessidades informacionais e a Biblioteconomia. É possível dizer que, ao passo que surgem novas demandas sociais, se exigem transformações profissionais.

Quando observamos as competências e habilidades propostas pelo PPP do curso de Biblioteconomia, identificamos em todas elas a proposição de um perfil de profissional dinâmico e atualizado com relação ao domínio de tecnologias diversas, mas também altamente comprometido com o estudo e a proposição de projetos, produtos e serviços de informação que atendam às necessidades da população. Ou seja, estamos falando de um profissional com perfil gestor e

tecnicista, mas profundamente conhecedor das comunidades onde está inserido, realizando a gestão da biblioteca de acordo com essa população.

Sendo um documento norteador da formação, o currículo do curso precisa estar alinhado ao PPP e atualizado sempre que necessário. O curso de Biblioteconomia da UFRGS passou por uma reforma em 2017, na qual houve alterações específicas, a maioria delas envolvendo realocação de conteúdos e alteração de títulos de disciplinas pertencentes ao eixo 2 - Organização e Tratamento da Informação; além da divisão do estágio curricular obrigatório em duas fases. Também houve troca de semestralidade de disciplinas, especialmente dos eixos 1 e 3 (Fundamentos das Ciências da Informação e Recursos e Serviços de Informação, respectivamente). No eixo 4 - Gestão de Sistemas de Informação, as alterações incluíram apenas a troca de semestralidade de uma disciplina e de títulos de outras duas.

Um dos motivos para a falta de maiores atualizações do eixo 4 do currículo foi a carência de professores diretamente envolvidos com essas disciplinas e que promovessem a discussão necessária para reformulá-las, pois o curso passava por um período de aposentadorias (entre 2017 e 2020, três das quatro docentes deste eixo se aposentaram). A partir de 2020, já com novos professores, as discussões sobre este eixo ganharam força no intuito de reformular e atualizar as disciplinas. Neste momento, os professores do eixo 4 foram consultados para propor alterações nas disciplinas, participando de diversas reuniões que incluíram a Coordenação do Curso (COMGRAD/BIB) e o Núcleo Docente Estruturante (NDE). Alguns aspectos foram norteadores:

- a) **Conteúdos das disciplinas:** identificou-se temas desatualizados ou desarticulados com o restante do curso, títulos de disciplinas inadequados e/ou desatualizados, bem como sobreposição de conteúdos entre disciplinas do eixo 4.
- b) **Perfil docente:** analisou-se o perfil dos novos professores do curso e, com isso, a possibilidade de atualizações temática dos conteúdos a partir da conjugação entre pesquisa e ensino.
- c) **Carga horária e créditos:** não poderia haver aumento de carga horária total do curso e nem das disciplinas de cada eixo e deveria ser buscada a uniformização das disciplinas, para que todas tivessem 4 créditos, equivalentes a 60 horas.

- d) **Novos conteúdos:** analisou-se como incluir novos conteúdos no curso, tendo como foco temáticas contemporâneas como Competência em Informação, Educação para a Informação e Gestão da Dados de Pesquisa.

Ao mapear as disciplinas do eixo 4, identificou-se sete disciplinas, quais sejam: 1 - Administração e Planejamento Aplicados às Ciências da Informação; 2 - Organização, Controle e Avaliação em Ambientes de Informação; 3 - Estudo de Comunidades, Públicos e Usuários; 4 - Gestão de Espaços Físicos em Bibliotecas; 5 - Gestão do Conhecimento; 6 - Desenvolvimento de Coleções; e 7 - Marketing em Bibliotecas.

Sobre os **conteúdos das disciplinas**, percebeu-se: desarticulação da disciplina 5 com o restante do curso; título de disciplinas inadequado ou desatualizado nas disciplinas 1, 2 e 6; semestralidade inadequada nas disciplinas 2 e 6; e sobreposição do conteúdo “planejamento de bibliotecas” nas disciplinas 1 e 2. Sobre o **perfil docente**, identificou-se que dois dos quatro professores da área possuíam interesse nas temáticas comportamento e competência em informação, ao passo que algumas disciplinas vigentes (5 e 7) eram de interesse específico de professoras aposentadas. Sobre **carga horária e créditos**, identificou-se que as disciplinas 5 e 7 estavam em desarmonia com as demais, pois tinham 2 créditos cada, enquanto as demais possuíam 4 créditos. Sobre **novos conteúdos**, identificou-se que o principal tema a ser inserido no currículo seria “competência em informação”.

De acordo com Araújo (2014), a competência em informação é uma das três grandes abordagens contemporâneas da Biblioteconomia, sendo um assunto relevante para a área. Surgiu então a proposta de incluir a disciplina Competência em Informação no currículo obrigatório, passando a ocupar a carga horária referente às disciplinas Gestão do Conhecimento e Marketing em Bibliotecas. Entretanto, foram realizados estudos teóricos e uma análise minuciosa, de modo que esta troca não acarretasse em perda de qualidade e/ou conteúdos para o curso.

Em revisão da literatura, identificou-se que, dos 25 cursos de Biblioteconomia em universidades federais, apenas 6 (24%) ofertam disciplinas de Gestão da Informação e/ou Gestão do Conhecimento (GC) como obrigatórias. A UFRGS era a única que oferecia uma disciplina exclusivamente sobre Gestão do Conhecimento (DUARTE; PADILHA NETO; SANTOS; LLARENA, 2016). Observando estes dados, percebeu-se que a UFRGS destoava dos demais

currículos, não havendo um consenso com relação à necessidade de uma disciplina específica sobre GC. Com relação à Marketing em Bibliotecas, dos 44 cursos de Biblioteconomia no Brasil, apenas 15 (35%) possuíam disciplinas de marketing como obrigatórias (SOLOVY; PINTO, 2019). Assim, a necessidade de uma disciplina específica para marketing também não era consenso na área.

O conteúdo da disciplina Marketing em Bibliotecas foi realocado para a disciplina 1, que passou a se chamar Introdução à Administração de Bibliotecas. Esse conteúdo passou a ocupar o espaço que antes era reservado às discussões sobre planejamento de bibliotecas, realocado para a disciplina 2, que passou a se chamar Gestão de Bibliotecas. Desse modo, pôs-se fim à sobreposição de conteúdos entre as disciplinas 1 e 2 e a disciplina Gestão de Bibliotecas passou a englobar o conjunto de processos administrativos (planejamento, organização, direção e controle) aplicados a bibliotecas.

Já a disciplina Gestão do Conhecimento - que como enfoque subsidiar a proposição de atividades de gestão de conhecimentos e fomentar o uso de tecnologias e mídias sociais em bibliotecas - teve esse papel realocado pela nova disciplina criada, Competência em Informação. Desse modo, não houve perda significativa de conteúdos e foi possível atualizar o eixo 4 do currículo.

Orientando-se por estes critérios, o eixo 4 - Gestão de Sistemas de Informação foi reconfigurado, passando a contar com seis disciplinas, todas com 60 horas de carga horária, o equivalente a 4 créditos. São elas: 1 - Introdução à Administração de Bibliotecas; 2 - Competência em Informação; 3 - Estudo de Comunidades, Públicos e Usuários; 4 - Gestão de Espaços Físicos em Bibliotecas; 5 - Gestão de Coleções; 6 - Gestão de Bibliotecas.

A disciplina Competência em Informação tem em sua ementa o debate sobre a origem, os conceitos, a evolução e as tendências da competência em informação. Também engloba a biblioteca e a informação como objetos educacionais, incluindo abordagens empírico-profissionais e a infoeducação. A disciplina foi alocada no 3º semestre, sendo a segunda disciplina de gestão do curso, tendo como objetivos: compreender o contexto de emergência e evolução da competência em informação; conhecer a terminologia, o conceito e as metodologias inerentes à promoção de educação voltada para a informação; e desenvolver projetos pautados na promoção de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos saudáveis relacionados à informação.

O terceiro objetivo foi especialmente pensado para dar conta da aplicação prática dos preceitos da competência em informação no contexto das bibliotecas, por meio da promoção de ações, cursos e atividades que objetivem educar para a informação. Aproveitou-se o contexto de Curricularização da Extensão (segundo Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação), do ensino superior brasileiro, processo de inclusão de atividades extensionistas no currículo dos cursos de graduação, para estabelecer parcerias com ações de competência em informação desenvolvidas fora da sala de aula.

Nesse sentido, uma parceria foi firmada entre a disciplina e a equipe do Super 8 - Pesquisa e Uso da Informação Científica, projeto de extensão promovido pelo Sistema de Bibliotecas da UFRGS, que visa auxiliar estudantes a desenvolver competência em informação e comunicação científica. Por meio dessa parceria, os estudantes da disciplina atuarão junto ao projeto, auxiliando em sua elaboração e desenvolvimento, exercitando seu papel de educadores para a informação e desenvolvendo suas próprias competências.

4 Considerações finais

Como vimos neste artigo, as bibliotecas têm de se reinventar. A percepção social da relevância das bibliotecas é o que as manteve ao longo dos séculos. Se as pessoas, os governantes, os dirigentes não identificam valor nas bibliotecas, porque eles vão continuar as mantendo? A repercussão desse fenômeno já se pronuncia no esvaziamento de espaços, no fechamento de bibliotecas. Os nossos colegas ancestrais bibliotecários viraram o jogo mostrando-se úteis, necessários, imprescindíveis. Eles se reinventaram.

A biblioteca educadora não é o único caminho para a reinvenção da biblioteca. Mas é um caminho muito promissor. Evidentemente, uma biblioteca educadora só pode operar como tal se tiver um profissional interessado, qualificado e comprometido com tal desempenho. Os bibliotecários precisam ser instigados e sensibilizados quanto à importância da educação para a informação e sobre o seu próprio papel como educadores. Isso passa, necessariamente, por uma formação que lhes subsidie reflexões e práticas sobre o tema, o que inclui ações de extensão, contato com pesquisas e também disciplinas que abordem a competência em informação.

Esse conjunto de atividades, sempre que possível, deve ser orientado por uma visão holística, na qual o bibliotecário em formação estuda, ao mesmo tempo em que aplica seus conhecimentos em realidades socioculturais distintas, investigando e planejando boas práticas de educação para a informação. Além dos ganhos acadêmicos, evidentes pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão proposta pelas universidades brasileiras, também vislumbramos ganhos sociais, por meio da revalorização e reinvenção da profissão de bibliotecário.

Referências

- Anglada, L. (2014). ¿Son las bibliotecas sostenibles en un mundo de información libre, digital y en red?. *El profesional de la información*, 23(6), 603-611. Recuperado de <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/download/31974/16975/101528>
- Araújo, C.A.Á. (2014). Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível. Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo: Abrainfo.
- Ascoli, A., Galindo, M. (2021). A quarta revolução e a necessária reinvenção da biblioteconomia. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, 26, 01-21. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e75961>
- Barbier, F. (2008) *História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bonotto, M.E.K.K., Santos, J.P. (2000, 24-30 de setembro). Curso de Biblioteconomia da UFRGS: Currículo 2000. Em XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Porto Alegre, Brasil. <http://hdl.handle.net/10183/10207>
- Duarte, E. N., Padilha N. J. D., Santos, R.R., Llarena, R. A. S. (2016). Gestão da informação e do conhecimento nos currículos dos cursos de biblioteconomia das universidades públicas brasileiras. *Ciência da Informação*: Brasília, 45(3), 156-171.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia do oprimido* (36ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Heller, B., Jacobi, G., Borges, J. (2020). Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. *Ciência Da Informação*, 49(2). Recuperado de <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>

- Jesus, D. L., Cunha, M. B. (2019). A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao presente, *Inf. Inf., Londrina*, 24(3), 311 – 334. DOI: 10.5433/19818920.2019v24n3p311
- Martini, P., Morigi, V. J. (no prelo). Cultura, memória, instituição e habitus na formação da identidade profissional. *Informação Memória e tecnologia – IRIS*.
- Martins, W. (1996). *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Editora Ática.
- Moraes, M. B., Aymonin, A. D. L. M. D., Reyes, A. A. M. (2021). Análise da inserção da competência em informação nos currículos dos cursos de biblioteconomia e congêneres no Brasil e no México. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 14, 1-23. Recuperado de <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/197377>.
- Perrotti, E. (2016). Infoeducação: um passo além científico-profissional. *Revista Informação@Profissões*. Londrina, 5(2), 04 – 31. Recuperado de <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314/20500>
- Severo, P. R. M. (2019). *O currículo do curso de biblioteconomia da UFRGS e a formação do habitus bibliotecário* (graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/212476/001113055.pdf?sequence=1>
- Silva, T. T. (1999). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Solovy, E., Pinto, M.D.S. (2019). Marketing em unidades de informação: análise dos artigos publicados em periódicos da ciência da informação e a relação com a oferta da disciplina de marketing no curso de graduação em Biblioteconomia. *Biblionline*, 15(2), 96-109.
- Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. (2012). Projeto Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. Recuperado de <https://plone.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/projeto-pedagogico-do-curso-de-biblioteconomia>
- Weitzel, S. R., Santos, A. R. (2018). Coleções especiais em bibliotecas universitárias: desafios para nossa geração. Em Campos, M. L.A. C., Marcondes, C. h., Souza, J. C. C. E., Rodrigues, A. C., Vogel, M. J. M., Oliveira, L. M. V. (Org.). Produção, tratamento, disseminação e uso recursos informacionais heterogêneos. Niterói: UFF,5, 61-70.

Notas gerais

Financiamento: Este trabalho recebe apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasil) através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa